

SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA E SOBRE O SUPORTE: O QUE ENUNCIAM ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

Fabrcia Aparecida Migliorato Corsi¹

Considerações iniciais

As leituras realizadas pelos jovens estudantes de ensino médio em diferentes suportes merecem nosso olhar criterioso e investigativo à medida que apontam indícios das representações construídas por esses jovens leitores sobre a leitura e sobre os objetos culturais que elegem e evidenciam como preferenciais para sua realização. Logo, buscamos averiguar quais são os suportes textuais com os quais 98 jovens leitores alunos de ensino médio de escolas públicas têm maior familiaridade e facilidade de acesso. Poderemos ainda observar e identificar quais se encontram disponíveis na escola e quais estão acessíveis em seu ambiente, ainda observaremos quais desses suportes apontam como preferidos para uso e suas possibilidades de acesso. Como observamos a questão do suporte incide diretamente sobre a historicidade de seu aparecimento e de sua manutenção frente aos usuários. Novos suportes emergem num determinado momento condicionado por suas condições de produção, circulação e manutenção (ZILBERMAN, 2016). Para Roger Chartier a questão do suporte condiciona a maneira como o leitor se relaciona fisicamente com o objeto e como ele realiza suas leituras.

Da disponibilidade e possibilidade de acesso ao material para leitura

É evidente que a questão da acessibilidade é um fator que interfere nas possibilidades de leitura. Segundo Bourdieu (CHARTIER & BOURDIEU, 2009; BRITO, 2013) a leitura é um produto das circunstâncias sócio-históricas nas quais se produz a formação do leitor e, se todo leitor tiver consciência disso, pode modificar e escapar dos efeitos dessa circunstância buscando construir sua própria formação. Essa formação do leitor incide também sobre a disponibilidade e acessibilidade pois, se não há material de leitura disponível para que os jovens possam manuseá-los, folheá-los, utilizá-los em diferentes momentos, criar laços de familiaridades, despertar e incentivar o hábito e o interesse pela prática de leitura será uma tarefa árdua e ineficiente. É evidente que no mundo contemporâneo o ‘ser leitor’ o ‘saber ler’ é uma necessidade social; visto que a leitura está atrelada às muitas práticas que caracterizam o uso da cidadania e o processo de inclusão num determinado segmento social público ou privado. Para que essa prática possa ser desenvolvida e incentivada o fomento e disponibilização de materias de leitura são ferramentas primordiais para que o sujeito possa ter condições de se tornar um leitor. (BRITO, 2013)

Contudo, estando a leitura atrelada a disponibilização e oferta de suportes de leitura, nos deparamos com a realidade expressa e vivenciada pela maioria dos jovens entrevistados que disseram não possuir condições financeiras para adquirirem materiais para realizarem leituras. Eles reconheceram a importância e a funcionalidade da biblioteca escolar na vida de todos os estudantes, assim se posicionaram:

ALUNO 03: Eu acho assim que a escola aqui também devia ter uma estrutura assim pros livros, porque não tem tantos livros interessantes ali. Às vezes a gente vai na biblioteca ela tá fechada

¹ Universidade Federal de São Carlos- UFSCar- São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: fabriciamcorsi@bol.com.br.

e a bibliotecária sempre não está lá. Então, eu acho assim que devia ser mais aberto pros jovens também.

(Entrevista Escola B)

Os jovens se interessam pela prática de leitura e gostam de realizá-la, porém não encontram subsídios e respaldo da instituição de ensino, que tem por obrigação, cumprir o que se propõe quanto ao trabalho com o fomento das práticas leitoras. Quando a família tem condições financeiras de investir em material de leitura o jovem é menos prejudicado. Porém, sabemos que essa não é uma realidade sólida e recorrente para todos os jovens leitores.

Alguns dos leitores entrevistados disseram aproveitar a feira de livros que acontece anualmente em Ribeirão Preto, SP, para buscarem o que não encontram na sua cidade ou nas bibliotecas. Alguns alunos têm sua biblioteca particular com obras dos gêneros que mais lhes agradam.

ALUNO 04: Tipo, eu acho que todo mundo tem meio que sua biblioteca particular, porque no ano passado quando a gente foi na feira do livro, todo mundo voltou com a mochila cheia de livro.

PESQUISADORA: Vocês foram à feira de livros de qual cidade?

ALUNO 04: É, Ribeirão.

PESQUISADORA: Ribeirão Preto?

ALUNO 04: É! Todo mundo voltou, foi. Tem um menino na minha sala aquela coleção do gelo e fogo, sei lá o quê. Ele comprou todos e leu tipo, em um mês. Eu fiquei muito assustada porque o livro é enorme!!! Aí, é muito legal!

(Entrevista Escola A)

Algumas coleções de obras como: Percy Jackson e Gelo e fogo; além de gêneros como histórias mitológicas, gibis, romance, poesia, aventura e histórias de terror, foram citados pelos leitores durante as entrevistas como leituras que buscavam e realizavam para além do ambiente escolar. Segundo Brito, “o sujeito vai ler aquilo que tenha relação com o seu modo de vida, com suas necessidades pessoais e profissionais, com os vínculos culturais e sociais” (2013, p. 88)

Dados coletados nos questionários apontaram maior preferência por realizarem leituras de gibis, HQs e textos informativos de jornais e revistas, fora do ambiente escolar.

Observamos que a escola não está preparada para lidar com alunos leitores, uma vez que não aproveita esses leitores, não os incentiva, não os estimula a buscar e realizar leituras diferentes para além da esfera escolar. Os jovens sabem avaliar os pontos nos quais a escola precisa melhorar e mudar suas práticas para que possa atender suas necessidades quanto à oferta e trabalho em sala com as práticas de leitura:

ALUNO 04: Ah, eu já acho assim, também que esse negócio de a gente não poder levar livros pra casa, por causa de cinco alunos, seis alunos (aluno cinco falou junto: Um às vezes) que pegam estragam e não devolve aí eu acho que isso é injusto com a gente porque se a gente pega o livro é porque a gente lê. Os professores mesmo tem perceber os alunos deles. Os professores conhecem os alunos que vem tá interessados a lê e os que não tá. Porque uai se um vai pegá se o professor vai lá entrega o livro pro aluno que não gosta lê claro que ele não vai lê, claro que ele não vai ter cuidado. Mais aí nisso a gente é que vai se ferrá, porque como a gente vai ficar sem leitura? É difícil a gente ir em outras bibliotecas, no bairro mesmo não tem a gente precisa da escola. E uma aula de cinquenta minutos não dá pra gente fazer uma leitura boa, porque a

gente perde tempo descendo, depois a gente perde tempo subindo. No máximo são, no máximo meia hora de leitura.

(Entrevista Escola B)

Sobre as condições socioeconômicas, os alunos da escola C foram os que apresentaram melhores condições em relação às demais escolas. Todos os cinco alunos que participaram da entrevista focal citaram o ambiente virtual para a realização de leitura e demonstraram ter grande familiaridade com ele. Da escola B dois alunos comentaram brevemente a realização de leituras utilizando o ambiente virtual sem alongar a informação, demonstrando-nos que, podem até acessar, mas não com tanta frequência e facilidade. Da Escola A não há menção pelos entrevistados do uso desse suporte de leitura. Assim sendo, a questão da possibilidade de aquisição e acesso ao ambiente virtual influi, em certa medida, na possibilidade de realizar certas leituras em detrimento à outras. Não é possível para alguns realizar leituras em outros suportes que não aqueles disponíveis na biblioteca escolar, visto que, ir à Biblioteca Municipal, que se localiza a mais de seis quilômetros das três escolas que compõem este corpus, é uma tarefa que lhes exige recursos financeiros para deslocamento, o que muitos apontaram não possuir. A importância da leitura em impressos, deve-se também à confiabilidade da origem do conteúdo, segurança na sua produção e circulação assim como a autenticidade do texto, uma vez que no ambiente virtual vários textos podem ser produzidos, reproduzidos, alterados por terceiros sem a possibilidade de, às vezes, conferir a veracidade do conteúdo. Por isso, para Silva, a leitura de livros exerce ainda hoje, papel de destaque nas práticas de leitura, uma vez que, “As possibilidades da crítica através da leitura de livros (ou similares) são bem maiores do que aquelas proporcionadas por outros veículos de comunicação”. (SILVA, 2013, p. 17)

Observamos, porém, que os dados obtidos no questionário divergem dos dados da entrevista focal. Tanto na escola A como na escola B havia alta indicação dos textos virtuais como material a que normalmente tinham acesso para realizarem leituras. Podemos inferir que em algum momento esses jovens, mesmo com leituras rápidas, acessavam as redes sociais para realizarem algum tipo de leitura. A escassez de material impresso disponível para empréstimo poderia ser uma das justificativas para que se tivesse tamanha indicação por parte dos jovens do uso do ambiente virtual para a realização de leituras. Alguns tinham acesso, mas nem todos.

Para os jovens leitores de escolas públicas as condições socioeconômicas, a impossibilidade de acesso ao material de leitura na escola e fora dela, a falta de um referencial que os estimulasse e a partir do qual pudessem construir a imagem de leitor e suas próprias histórias como leitores interferiu no processo das práticas de leitura que realizam.

Apesar das inúmeras restrições que alguns dos jovens entrevistados relataram sobre a impossibilidade de acesso aos textos, deixaram-nos claro que realizavam leituras sempre que possível em material que receberam por doação como revistas e jornais. Durante a realização da entrevista apresentaram sugestões de melhorias quanto ao incentivo à prática da leitura. Colocaram a necessidade de implantação de uma biblioteca comunitária no bairro, uma vez que as bibliotecas escolares nem sempre são abertas para outro público que não o de estudantes.

ALUNO 05: Tem cidades também que tem biblioteca móvel. Eles compram armário cheio de livro. Aí as pessoas colocam os livros que não leem mais e passam.

Entrevista, Escola A.

ALUNO 02: Acho que devia abrir uma biblioteca com ... com várias variações de livros, porque tipo, cada um tem um gosto de ler uma coisas diferente e cê indo na biblioteca e ter um livro que chama sua atenção você vai lê e tipo tem que ter livro de todo tipo, porque as pessoas

gostam de um e outras pessoas não gostam. Aí se tiver tipo o que todo mundo gosta, aí eles podem pegar livro e lê e vai ser melhor assim.

Entrevista, Escola B.

ALUNO 3: Bom eu acho que já que o brasileiro tem muito acesso à internet, devia buscar por livros, ebooks, mesmo que tá fazendo muito sucesso por aí, não só no Brasil, mas no exterior, que é mais acessível. Aproveitar que tem internet não usar ela pra se separa do livro, mas usar ela pra você ter mais acesso à leitura.

Entrevista, Escola C.

Sugeriram ainda que a biblioteca escolar funcionasse efetivamente e que tivesse um acervo de impressos vasto e variado para que atendesse aos interesses e necessidades de leitura de seus frequentadores. Sugeriram também que o trabalho com a leitura realizado em sala de aula pelos professores fosse realizado de maneira diferenciada e que fosse voltado totalmente para a leitura da obra e discussões que girassem em torno dela complementando e trazendo informações relevantes sobre o texto.

ALUNO 03: Sim. Às vezes ela lia falava assim: “Ah, esse é bom, essa fala, conta”. Tem professora que, como ela, fala do livro, às vezes a gente ficava naquele: “nossa eu quero lê!”. Às vezes ela falava de um jeito que cê ficava fascinado e falava: “Não, agora eu quero lê esse livro”. Ela resumia pra você, só que deixava o mistério. Aí você fica naquela vontade, nossa eu quero ler esse livro agora!

Entrevista, Escola A.

ALUNO 1: [...]. Então, acho que tipo assim, ó, suponhamos o professor dá uma aula didática: vamo fazê esse tema desse livro um teatrinho. Vamo juntá todo mundo e faze um trabalho de colagem, por exemplo. Ah, mas pra isso tem que saber o que tá rolando no livro. Então, vamo pegá o livro. Aí começa a ler: “Nossa que interessante!”. Junta aquela galera alí: “nossa mais olha isso, olha isso”, um debate. Eu acho que...ontem a gente tava fazendo um trabalho até aqui, e dois colegas nossos tavam debatendo sobre uma série que eles assistem no computador. Então tipo assim a gente fazendo o trabalho e os dois conversando, conversando. Então, aproximar mais as pessoas que tem o mesmo gosto pela leitura, por exemplo, ah, por exemplo: “ah, eu gosto de ação, eu também gosto!” Junto com aqueles que não tem essa prática da leitura.

Entrevista, Escola C.

A disponibilidade de acesso aos suportes condiciona, em muitos casos determina, as leituras que podem ou não serem realizadas em ambiente escolar.

As bibliotecas escolares das redes públicas de ensino requerem um olhar atento sobre a constituição do acervo, organização, funcionamento e práticas pedagógicas que incidam tanto dentre como fora da instância escolar.

Para os jovens leitores há necessidade de mudança na forma como a leitura e seus suportes são incluídos e trabalhados em sala. A emergência de novas técnicas de trabalho, o envolvimento da leitura com o contexto de sala de aula sob a orientação e direcionamento didático do professor tronam-se emergentes em virtude das mudanças históricas e sociais que vivemos e pelas quais já passamos. Os jovens leitores expõem-nos a necessidade de inserir no contexto escolar leituras mais densas de obras que sejam exploradas e estudadas na sua densidade estética-literária, cultural e social de forma efetiva, interdisciplinar e significativa para os leitores. Assim sendo a leitura guiada pelo professor pode ser capaz de gerar

a organização das experiências do leitor ao nível individual, ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações. Isto porque esse tipo de leitura, além de permitir a liberdade de interpretação e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes, conseguidas através da discussão e do debate. (SILVA, 2013, p. 19)

Segundo os relatos, o trabalho desenvolvido com leitura de obras é vago, visa somente o cumprimento de uma atividade, a leitura é realizada individual e solitariamente, não há intervenção nem interação entre leitores e professor.

Referências

BRITO, Luiz Percival Leme. **Máximas Impertinentes**. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/old/material_apoio/pdfs/LuizBritto.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2013.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. **A leitura**: uma prática cultural - debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2013.

ZILBERMAN, Regina. Os suportes “suportam o mundo”? In: ROSING, T.; ZILBERMAN, R. **Leitura**: história e ensino. Porto Alegre: Edelbra, 2016.